
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

DIÁLOGO ENTRE RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA E A MALDIÇÃO DE CANAAN: O PRECONCEITO RACIAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA SOB A ÓTICA DO ANTI-HERÓI DERROTADO

Tacyana Muniz Caldonazzo Moretti (UEL)
atena_tmc@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar, por meio de um paralelo entre os romances *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, e *A maldição de Canaan*, de Romeu Crusoé, a denúncia do preconceito racial no Brasil sob o ponto de vista de dois narradores anti-heróis que sucumbem à sociedade. Ambas as obras expressam a indignação de personagens que, na retrospectiva de suas vidas, relatam as diversas formas de discriminação que sofreram, desmascarando a hipocrisia de um país que se proclama livre do preconceito racial.

PALAVRAS-CHAVE: preconceito; anti-herói; sociedade; derrotado.

INTRODUÇÃO

Lima Barreto, segundo as palavras de Antonio Arnoni Prado (1989: 3), é um intelectual sitiado que converte em literatura o fracasso e a opressão por ele vividos. De acordo com Prado, Isaías Caminha, bem como Policarpo Quaresma e Gonzaga de Sá, seriam espécies de espectros do próprio Lima Barreto, transposições da personalidade do autor, descrita em seu *Diário íntimo*, para os romances (1989: 6). Antonio Candido afirma que para Lima Barreto a obra deve ser sincera e destacar problemas humanos e que a marca mais autêntica de Barreto é unificar problemas pessoais e sociais (1987: 39). Não à toa, em *Recordações* o autor mescla as confissões de seus conflitos pessoais com mazelas existentes no ambiente em que vive, desde o preconceito até a corrupção da imprensa. Francisco de Assis Barbosa transcreve um trecho de uma carta de Barreto endereçada a Esmaragado de Freitas:

O meu fim foi fazer ver que um rapaz nas condições do Isaías, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas, batido, esmagado, prensado pelo preconceito com o seu cotejo, que é, creio, causa fora dele [...] Se lá pus certas figuras e o jornal, foi para escandalizar e provocar atenção para a minha brochura. (Barbosa 2002: 186).

Romeu Crusoé nasceu em Petrolina – PE no ano de 1915 e se mudou, posteriormente, para o Rio de Janeiro. Pormenores de sua vida, entretanto, ainda são um mistério, posto que se desconhece até mesmo uma possível data de sua morte. *A maldição de Canaan*, primeira obra do autor, foi escrita em 1951, ano de criação da Lei contra o preconceito racial Afonso Arinos, e tem no título o resgate de um episódio de Gênesis, 9:25. Nele, Can vê a nudez do pai, Noé, que se embriagara, e, em vez de cobrir o pai com vestes apropriadas, vai contar o fato aos irmãos. Noé, revoltado, amaldiçoa não o filho, mas o neto, o inocente Canaã. O patriarca afirma que Canaã será servo dos servos de seus irmãos, destinando-o, juntamente com seus descendentes, os cananeus, à escravidão.

Na apresentação do romance, Osório Borba qualifica o romance como “torturador” e “pungente” e ratifica a ideia do mascaramento do preconceito denunciado no livro:

Toda gente no Brasil sempre repetiu, como num automatismo mental, a afirmação da inexistência do preconceito de cor entre nós. Há nisso até a inconsciente satisfação de uma vaidade nacional: exaltamo-nos, como povo, no confronto entre a decantada doçura do nosso comportamento na convivência das raças e a feroz discriminação racial predominante na maior civilização material do nosso tempo [...] O romance de Romeu Crusoé não é, assim, criação arbitrária da fantasia, obra literária sem base na realidade social ou imitação de obras estrangeiras, como um tema estranho ao Brasil. É, salvo engano, o nosso primeiro romance que articula os sofrimentos, a surda humilhação, a revolta íntima dos negros, ulcerados por um preconceito secular que se manifesta em prevenções, desdêns e mesmo tentativas de segregação em tantos setores da vida social. (Crusoé 1951: 15-16).

Luiza Lobo define o surgimento da literatura afro-brasileira a partir do momento em que o negro passa de objeto literário a sujeito e começa a criar sua própria história; assim, a literatura afro-brasileira é aquela escrita por afro-descendentes que assumem sua identidade (2007: 340). A visão do narrador negro enquanto observador da realidade que o cerca, bem como seu ponto de vista que toma o lugar do narrador que, antes, apenas se referia ao afro-descendente como terceira pessoa, vai ao encontro de algumas práticas de romances escritas em forma de confissão. Para Mikhail Bakhtin, o elemento autobiográfico dentro de uma obra pode variar infinitamente e relacionar-se com a confissão, com a exposição prática, ou pode até mesmo ser lírico; já o valor biográfico, entre todos os valores artísticos, sendo o menos transcendente

à autoconsciência, faz com que o autor situe-se muito próximo do herói na biografia; além de o valor biográfico ser o princípio organizador de uma narrativa que conta a vida de outro, ele também pode atuar como organizador das experiências vividas pelo próprio autor (1997: 166). Embora anteriormente afirmado que o protagonista de Barreto seja uma espécie de transposição dele mesmo, é preciso cautela antes de enquadrar Ricardo, de Crusoé, nesse mesmo patamar, até porque, como também já declarado, pouco se sabe sobre a vida do autor. Na apresentação do romance, Osório Borba já afirma que a obra tem pouco ou nada de autobiográfica. De qualquer maneira, tanto *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* quanto *A maldição de Canaan* podem ser classificados como utilizadores de um memorialismo ficcional, relatos de experiência.

ANTI-HERÓIS DERROTADOS

Isaías e Ricardo são anti-heróis. Se a função do herói é a de servir como um modelo ideal a ser seguido, os dois personagens seguem na contramão da virtude, porque permitem que sua essência seja deturpada pelo meio. Isaías, após viver uma longa batalha por aceitação no mundo dos “brancos”, conquista sua tão sonhada posição vendendo-se e rendendo-se à hipocrisia da sociedade. Isto está evidente no prefácio, em que Barreto se refere a Caminha como se ele fosse real. O autor relata que “Isaías deixou de ser escrivão. Enviuvou sem filhos, enriqueceu e será deputado. Basta” (Barreto 1997: 35). A inversão da ordem permite ao leitor se tornar ciente do destino do personagem antes da leitura do livro. Ao iniciar pelo prefácio, esse leitor já sabe que o personagem tornou-se rico e influente. É interessante analisar, contudo, a marca do derrotismo presente em uma imagem enganosamente bem sucedida: Isaías torna-se viúvo e sem filhos, ou seja: satisfaz seu ego, atinge o reconhecimento que sempre esperou da sociedade, todavia, acaba solitário, sem amor e sem herdeiros. É um princípio de esterilidade já adotado anteriormente por Machado de Assis, em personagens como Bentinho e Dom Casmurro.

O processo de solidão e esterilidade também é vivido por Ricardo, o qual relata sua vida já no fim de seus dias. Chega a ter um filho, fruto de um relacionamento com Maria Alice; todavia, perde-o precocemente. Seu perfil de derrotado diante do mundo em que vive difere do de Isaías basicamente porque, enquanto aquele se rende ao sistema, Ricardo passa todo o tempo a lamentar sua sorte e, ao mesmo tempo, sentindo repulsa por ser negro. O paralelo entre suas personalidades, mostrado a seguir, procura melhor ilustrar suas diferenças de origens e o surgimento de suas posições ideológicas.

O anti-heroísmo se delinea paulatinamente em Isaías. Inicialmente, é sensível e até ingênuo. Sobre ter sido chamado de “mulatinho” na delegacia, confessa: “Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos [...] A minha sensibilidade [...] estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se juntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso” (Barreto 1997:

88). Os fatos, entretanto, fazem-no mudar seu ponto de vista a ponto de nem mesmo de sentir pesar pela morte da mãe. Sua entrada para o mundo da imprensa contribui definitivamente para a virada de personalidade do personagem. Se sua narração tem, além de denunciar o preconceito, o fim de chocar a opinião pública com a podridão dos jornais, Isaías torna-se contraditório, uma vez que se transforma em uma figura bem próxima daqueles que foram alvos de suas críticas. Ao conquistar a “simpatia” do chefe, o implacável Loberant, após encontrar o jornalista em meio a uma orgia, Caminha é promovido e passa a obter regalias diversas. A ascensão em sua carreira, contudo, não é motivo para realização. Ele, por sua vez, contenta-se em se lamentar:

Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e grandeza... Sentia bem a desproporção entre o meu destino e os meus primeiros desejos; mas ia. (Barreto 1997: 220)

O anti-heroísmo em Ricardo mostra-se latente por toda a obra. As reclamações são constantes: “contentar-me com os últimos lugares, quando muito, os segundos; não aspirar nunca aos primeiros. Por quê? Por que eu era preto?! Que tinha a cor com isso? Era uma cor como as outras” (Crusoé 1951: 78-79). Ricardo é um homem que, embora autodidata que aprecie o saber, comete diversos deslizes. Justifica-se: “Não creio que ninguém nasça mau. De mim, sei bem que era sem maldade, bondoso e puro tal a mais loura criança. As circunstâncias tornaram-me desconfiado e perverso” (Crusoé 1951: 79). Ricardo, em seu ofício com peles, que lhe confere melhor situação financeira, comete atos desonestos. Além disso, atormentado pelo fantasma do preconceito, maltrata até perder todas as mulheres com quem se relaciona, ferindo-as com ciúmes, humilhações e até agressões físicas, como se, quase inconscientemente, procurasse descontar em suas parceiras o ódio nutrido pela sociedade tão malévola para com ele. Ao mesmo tempo, parece querer impingir-lhes antecipadamente um castigo, por temer que elas o troquem por um homem branco. Ricardo apenas se envolve com mulheres brancas, que passaram por um processo de degradação social, como prostitutas e mães solteiras – que também eram discriminadas. Assim ele procederá, por exemplo, com Maria Alice, que tanto o desprezara em outros tempos, mas que se rende a Ricardo quando está sozinha, pobre e sobrevivendo em um bordel. O próprio personagem alimenta o preconceito contra sua “cor”:

Minha boa situação e sua má situação suprimiam-me a desvantagem, compensavam a tal inferioridade de raça; equilibravam-nos. Ela prostituíra-se; portanto, perdera para a sociedade vários direitos humanos, de cidadania. Cada qual por seu lado, teríamos que arrastar nosso estigma, exhibir nosso anátema. Nós agora éramos iguais; ela, por sua condição social inferior; eu, por minha cor inferior [...]. Precisar a Alice prostituir-se para ser minha. Por quê?! Por que teria

eu que contentar-me irrevogavelmente com as sobras dos brancos no banquete da vida?! Por que a mim só me estavam reservados os restos de alimento, para ir comê-los escondido, nas cozinhas? (Crusoé 1951: 192)

O deslocamento dos anti-heróis é outro fator fundamental a se apreciar. A cidade, que deveria ser um local ideal para os cidadãos viverem livres e seres respeitados, mostra-se hostil com Isaías e Ricardo. Em ambas as obras os protagonistas se dirigem à cidade grande com cartas de recomendações, a fim de conseguirem emprego, e são discriminados. Isaías, ao procurar o deputado que lhe conseguiria trabalho, decepiona-se com sua negativa. Ricardo, entretanto, ouve claramente que a vaga fora-lhe recusada por ele ser negro.

O resultado desse conflito racial/ social, portanto, é o surgimento de um intelectual deslocado e incompreendido, que não encontra aceitação em nenhum grupo social. Enquanto escreve suas memórias, Isaías Caminha faz um desabafo, demonstrando que não pode compartilhar de suas ideias nem mesmo com a própria esposa, que sequer tem noção de que ele está escrevendo um livro, e julga que o que ele faz, tarde da noite, é trabalhar com papéis burocráticos. Ao que parece, Isaías casara-se com uma mulher inculta, à semelhança de sua mãe:

Depois que se foi o doutor Graciliano, excepcionalmente simples e esquecido de suas cartas apergaminhadas, nada digo das minhas leituras, não falo das minhas lucubrações intelectuais a ninguém, e minha mulher, quando me demoro escrevendo pela noite fora, grita-me do quarto:

— Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã! (Barreto 1997: 96)

O drama vivido por Ricardo parece ainda mais complexo. É um ser descontextualizado onde quer que vá. Não se adapta a lugar algum, durante o romance faz constantes mudanças – de casa, de cidade, de mulher – e nunca se dá por satisfeito. Ainda, se ele é impedido de entrar em determinados locais frequentados por brancos e pela alta sociedade, e se sua intelectualidade não é valorizada nesse meio social, ele tampouco se identifica com outras camadas. Após sofrer humilhação em um baile promovido por uma associação recreativa da qual fazia parte, Ricardo vive uma outra experiência nada agradável:

Transtornou-me a revolta, a cólera subiu-me o cérebro, levando-me, na noite seguinte, que era domingo, a um baile reles, um forrobodó, onde as damas eram empregadas domésticas; os cavalheiros, estivadores, varredores de rua e malandros, desordeiros e ladrões. Ninguém me repelia, mas também me olhavam com maus olhos, pois era o melhormente trajado e a roda desconheciam-me. Ali também me consideravam corpo estranho, um intruso. (Crusoé, 1951: 128)

ISAÍAS X RICARDO: POSICIONAMENTO DO MULATO E DO NEGRO

Isaías é um jovem mulato, tímido e estudioso, que sonha em se mudar para a capital e se tornar doutor. Filho de um relacionamento secreto entre um padre e uma mulher comum, desde pequeno fora levado pelo pai a apreciar a dádiva do saber, como se a luz do conhecimento tornasse as pessoas melhores. O jovem acredita que, ao tornar-se um doutor, poderá se libertar do estigma de pobreza e discriminação legado por sua cor. Sua obsessão pelo título torna-se evidente nas primeiras páginas dos romances, na qual o narrador-protagonista relembra suas ânsias juvenis: “Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... [...]” (Barreto 1997: 45). Quando o jovem Isaías parte em busca de seu sonho, sua mãe, prevendo os suplícios pelos quais o filho irá passar devido à sua cor e origem, dá-lhe um conselho inacabado: “_Vai, meu filho, disse ela afinal. Adeus!... E não te mostres muito, porque nós...” (Barreto 1997: 48). Florestan Fernandes afirma que, durante o processo de integração do negro e do mulato na sociedade brasileira, o “apadrinhamento” por famílias brancas contribuiu para a mudança na posição social dos indivíduos (1978: 162-163). De acordo com o autor, o contato, mesmo que periférico, com o universo dos brancos fazia com que o negro lutasse para atingir posições ainda impensáveis para sua situação social, o que o levava a avaliar a “importância da instrução de modo realista e a associá-la a formas compensadoras de profissionalização” (Fernandes 1978: 163).

A desilusão que a sociedade causa em Ricardo não lhe permite nutrir, enquanto negro, a mesma ambição de Isaías, mulato. Desde pequeno, já é levado a sentir o peso da discriminação sobre sua cor, o que, talvez, tenha-lhe tolhido maiores aspirações. O narrador relata o primeiro fato, ocorrido ainda na infância, que o fez descobrir a mais amarga verdade sobre sua vida. Gustavo, aluno loiro e de olhos verdes, diante da insegurança em interpretar um personagem principal em uma peça de teatro da escola, combina com Ricardo para que troquem de papéis. A alegria de Ricardo é esmagada pela professora que, embaraçada, discorda da ideia. “Nasceu-me, naquele instante, a faculdade de ouvir o que não escuto, de ler o que não está escrito, de adivinhar, na mímica da fisionomia, as palavras improferidas” (Crusoé 1951: 29). E, nesse mesmo momento, instaura-se o perfil de derrotado que irá permear toda a trajetória de Ricardo. “Compreendi que, pela existência afora, só papéis obscuros me estariam reservados. Contra minha vontade, embarcara na segunda classe da vida e dela só apareia quando o trem parasse” (Crusoé 1951: 29).

A capacidade de adaptação/ acomodação de Isaías aos padrões sociais dos brancos supera o posicionamento de Ricardo. É interessante observar que o primeiro, caracterizado como mulato, vê-se diante de chances inimagináveis pelo segundo, considerado negro. Durante a obra de Barreto, deduz-se que o mulato Isaías recebe uma semi-aceitação por parte do meio em que vive, desde que não exceda os “limites” impostos pelos brancos. Passa grande parte do tempo em que trabalha no jornal em função subalterna, a cuidar dos tinteiros dos jornalistas e redatores. O falso reconhecimento somente se dá quando o protagonista flagra seu chefe em situação

comprometedora, o que remete à fragilidade na crença de que o mérito leva os indivíduos a atingirem posições sociais superiores. Ressalte-se que é por meio da vontade de homens brancos que Caminha se eleva socialmente. Além disso, a influência da cultura do pai semeia no jovem o anseio de tornar-se uma pessoa importante, em pé de igualdade com um cidadão branco. A diferença de comportamento do mulato em relação ao negro surge em um relato feito por um integrante de movimentos sociais no meio negro e reproduzido por Florestan Fernandes, embora tal descrição do mulato em manifestações sociais não seja condizente com o caráter de Isaías Caminha, posto que este, em vez de conquistar seu espaço por meio do radicalismo, o faz por aceitação ao sistema:

O negro é subserviente, bajulador; o mulato não, é revoltado, insubmisso. Tenho medo de explicar esse fato pois sou praticamente analfabeto. Mas acho que ela [a explicação] pode ser dada pelo atavismo. Afinal três séculos de escravidão devem pesar. Mesmo o preto culto é humilde. Veja o Dr. S. e as ideias dele de que os negros devem procurar líderes brancos. (Fernandes 1978: 44)

Ricardo, por sua vez, nem mesmo conta com o apadrinhamento ou qualquer relação firme de cooperação, com o indivíduo branco, que poderia ajudá-lo a atingir posições sociais mais vantajosas. Nascido em um meio no qual não lhe é dada a chance de sonhar ambiciosamente, o preconceito leva o personagem a se fechar em torno de seus medos, raivas e frustrações. Desta forma, ele é incapaz de qualquer espécie de integração civilizada com o meio dos indivíduos brancos. Se Isaías, após sofrer uma longa trajetória de preconceitos, conquista o direito de frequentar círculos em que será exaltado e bajulado, Ricardo sempre se verá expulso da sociedade, seja nos bailes onde é barrado, ou nos empregos que lhes são negados, bem como em outras formas de rejeição. Seu perfil vai contra a tendência descrita por Fernandes (1978: 165), ao afirmar que, se a situação trágica do negro se dá, entre os anos 1890 e 1930, por sua incapacidade de ajustamento do estilo de vida urbano, posteriormente ele desenvolverá a capacidade de pensar e agir de acordo com um urbanista, o que parece explicar as perspectivas de superação do estado em que vivia e sua integração na sociedade de classes. Ainda, Fernandes relata que o aumento da oferta de empregos ocorrido após a II Guerra Mundial permite à população negra almejar melhores ocupações (1978: 177). De acordo com o autor, há “o auxiliar que se prepara para ser escriturário; o escriturário que se prepara para ser guarda-livros, contador, professor, dentista, etc” (Fernandes 1978: 177). Ricardo, todavia, ainda que nutra interesse pelos estudos, não luta por uma posição na qual sua intelectualidade e seu conhecimento se façam necessários. Escrever memórias que compõem seu livro mais parece a construção de um desabafo literário do que propriamente uma produção intelectual a ser considerada, na concepção do protagonista-narrador.

Para Zilá Bernd, a utilização do termo “literatura negra”, embora em um primeiro momento possa parecer um discurso etnocentrista e reacionário, remete, na verdade, a um sinal da intenção dos negros de criarem a si próprios, lançando mão, para

isso, de um estilo que lhes confere particularidade na escrita (s/d: 23). A autora também alerta para o fato de que o conceito de literatura negra relaciona-se não exatamente à cor da pele do autor ou à sua temática, mas surge de um “eu enunciador que se quer negro” (Bernd s/d: 23). Ricardo e Isaías, ainda que anti-heróis vencidos pelo sistema da sociedade, buscam maneiras de sobreviver a uma sina indesejável, de driblar um mal que ainda parece longe de cessar. Eles cumprem a função de falar em nome de todos os atingidos pelo racismo e chamar a atenção para esta causa. Portanto, enquadram-se na espécie de eu enunciador descrito por Bernd, posto que denunciam a discriminação racial por meio da voz daquele que sofre o preconceito, e não daquele narrador à margem da situação vivida pelo personagem negro, daquele narrador que, tantas vezes, mantém um discurso moralista para defender uma causa que não é verdadeiramente sua.

Por trás de dois perfis inquietos – um acomodado, que opta por unir-se à sociedade que outrora o discriminara por sua origem e sua cor, e outro tão ferido pelo preconceito que é incapaz de sustentar a ideia de uma vida realizada, e agindo, por isso, de modo a antecipadamente perder o que conquistou, surgem questões: qual deveria ter sido a atitude adequada de Isaías e Ricardo, dentro do contexto opressor que viviam? É simples agir como um herói quando a resposta do mundo é tão negativa? As dificuldades vivenciadas pelos protagonistas deturpam-lhes a personalidade. Entretanto, o exemplo de seus caminhos irregulares é, talvez, o fator mais chamativo para o leitor no que tange à discriminação. Os protagonistas se sacrificam em nome de um alerta sobre a injustiça, ainda gritante, sofrida pelos afro-descendentes no país.

OBRAS CITADAS

- BAKHTIN, Mikhail. 1997. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARRETO, Lima. 1997. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- BARBOSA, Francisco de Assis. 2002. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- BERND, Zilá. s/d. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense.
- CANDIDO, Antonio. 1987. “Os olhos, a barca e o espelho”. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática.
- CRUSOÉ, Romeu. 1951. *A maldição de Canaan*. Rio de Janeiro: Irmãos Di Giorgio.
- FERNANDES, Florestan. 1978. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática.
- LOBO, Luiza. 2007. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- PRADO, Antonio Arnoni. 1989. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Duas Cidades.

DIALOGUE BETWEEN *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA* AND *A MALDIÇÃO DE CANAAN*: RACIAL PREJUDICE IN BRAZILIAN SOCIETY THROUGH THE VIEW OF THE LOSER/ANTIHERO.

ABSTRACT: Through a comparison between Lima Barreto's *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* and Romeu Crusoé's *A Maldição de Canaan*, this article intends to analyze the denunciation of racial prejudice in Brazil, through the point of view of two antihero narrators that succumb to the system. Both works express the indignation of characters who in the retrospective of their lives tell about many kinds of discrimination they have suffered in order to unmask the hypocrisy of a country that proclaims to be prejudice free.

KEYWORDS: prejudice; antihero; society; loser.

Recebido em 13 de outubro de 2009; aprovado em 30 de dezembro de 2009.